

FIQUE DE OLHO

Portugal: atraso e estagnação

Na segunda metade do século XIX, Portugal era um país bastante atrasado em relação ao restante da Europa. Ali ainda não haviam começado as grandes transformações provocadas pelo processo de industrialização, porque a maior parte da população portuguesa concentrava-se no campo, que era a base da economia.

A única exceção a esse cenário era uma pequena burguesia rural que vivia momentos de prosperidade. De resto, o país encontrava-se adormecido, incapaz de compreender o declínio econômico decorrente da perda de suas principais colônias. O saudosismo colonialista impedia que Portugal participasse das transformações nos modos de produção que agitavam a Europa e condenava a nação a uma situação crítica.

Em termos políticos, vive-se o período da Regeneração, iniciado em 1851. A alternância de conservadores e liberais no poder é outro fator a dificultar o desenvolvimento econômico. O único sinal de modernização que chega a Portugal são as estradas de ferro, construídas com empréstimos feitos pela Inglaterra.

A discrepância entre a vida no campo, marcada pelo atraso e pelo analfabetismo, e a vida na cidade, impulsionada pelo crescimento do comércio, contribui para tornar gritantes as desigualdades sociais.

As condições políticas e econômicas favorecem o surgimento de uma literatura de denúncia social e observação crítica da realidade, características fundamentais da estética realista.

Um início movimentado e polêmico...

Se as estruturas políticas e econômicas portuguesas definiam o perfil de um país voltado para o passado, culturalmente as marcas do progresso podiam ser vistas nos centros universitários.

É na Universidade de Coimbra, mais especificamente na Faculdade de Direito, que jovens entusiasmados com as informações chegadas dos grandes centros europeus reúnem-se em grupos de discussão.

No ambiente boêmio da universidade, Antero de Quental, Eça de Queirós e Oliveira Martins reuniam-se com outros jovens para ler e discutir textos revolucionários que chegavam dos grandes centros europeus. Nascia ali a Geração de 70, que mais tarde protagonizaria os principais acontecimentos associados à chegada do Realismo a terras lusitanas: uma polêmica literária com o poeta Antônio Feliciano Castilho e as Conferências Democráticas, realizadas em 1871.

Autores como Proudhon ampliam a perspectiva dessa geração, criada com a visão conservadora de uma sociedade fundamentalmente religiosa. Idealistas apaixonados, os jovens da Geração de 70 acreditavam ser possível promover, na cultura portuguesa, uma revolução que daria início a um necessário processo de transformação social. O impacto da leitura dos autores europeus foi registrado por Antero de Quental em uma conhecida carta dirigida a Wilhelm Stork:

[...] O fato importante da minha vida, durante aqueles anos, e provavelmente o mais decisivo dela, foi a espécie de revolução intelectual e moral que em mim se deu, ao sair, pobre criança arrancada do viver

A mais antiga universidade portuguesa

Criada pelo rei D. Dinis em 1º de março de 1290, com o nome de Estudo Geral Português, a futura Universidade de Coimbra recebeu autorização papal para começar a funcionar em agosto do mesmo ano. Em 1308, a universidade foi transferida de Lisboa para o Paço Real da Alcáçova, em Coimbra, e desde então viu surgir, entre seus alunos, alguns dos mais conhecidos escritores, cientistas e políticos portugueses. Dentre eles, destacam-se os líderes da geração de 1870, Eça de Queirós e Antero de Quental; e Egas Moniz, Prêmio Nobel de Medicina em 1949.



Universidade de Coimbra, Portugal, 2006.

